



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de inauguração do Centro de Oncologia do Hospital das Clínicas

São Paulo-SP, 29 de junho de 2006

Bem, primeiro quero cumprimentar o nosso governador Cláudio Lembo,
Cumprimentar o nosso ex-ministro Adib Jatene,
Cumprimentar os nossos companheiros senadores Aloizio Mercadante e Eduardo Suplicy,

Os nossos deputados, eu não posso citar o nome de todos porque são muitos e eles estão em campanha, e eu não posso ser culpado ou processado por estar fazendo promoção,

Meu caro amigo Luiz Roberto Barradas, secretário estadual de Saúde,
Nossa querida doutora Suely Vilela, reitora da Universidade de São Paulo,

Meu caro Giovani, diretor da Faculdade de Medicina,
Funcionários,
Médicos,
Amigos e amigas,
Companheiros e companheiras,

Chegar no Complexo do Hospital das Clínicas, aqui, é como encontrar com as bancadas dos partidos políticos lá em Brasília. A demanda é tão extraordinária que por mais que a gente pense que tenha feito nós sempre chegamos à conclusão de que ainda falta muito e muito por fazer no nosso país, sobretudo quando se trata de Centros de Excelência que, normalmente, são caros, com equipamentos cada vez mais sofisticados, com doutores, pesquisadores e cientistas cada vez mais bem formados, portanto, cada vez



precisam ser melhor remunerados. E nem sempre o Estado brasileiro se preparou para isso.

Eu quero dizer para vocês que quando eu indiquei o Humberto Costa para ser ministro da Saúde eu, possivelmente, por ser freqüentador desse Complexo desde 1983, quando aqui, pela primeira vez, o meu filho se internou e, depois, eu fui fazendo amizade com algumas pessoas e passei a ser um freqüentador assíduo do Complexo, graças a Deus nem sempre para mim, eu disse ao Humberto: nós precisamos construir alguns Centros de Excelência no Brasil, nós precisamos pegar algumas coisas, em alguns estados importantes, e tentar pelo menos ir transformando alguns hospitais... Eu, por exemplo, não agüentava ver, na televisão, um hospital, não sei se é o Miguel Couto, no Rio de Janeiro, não sei qual é, que é um hospital público que tem muita gente e só aparece desgraça na televisão. É gente tomando injeção em pé, é gente tomando injeção sentado no corredor, sentado no cimento, ou seja, era preciso fazer essa transformação. Aí, criou-se o QualiSUS. E, aí, a gente percebe que também não basta ter a decisão política, porque a burocracia entre você deliberar e elas começarem a acontecer demora um tempo extraordinário.

Mas, de qualquer forma, nesses últimos dois anos já foram investidos 162 milhões em 14 estados, 14 capitais, para ver se a gente consegue qualificar melhor alguns hospitais brasileiros, porque tem outros que são bons, tradicionalmente bons e que, normalmente, quando você vai ver, todos estão um pouco meio quebrados. E exatamente porque esses hospitais fazem o atendimento de uma camada da população muito pobre, pago pelo SUS e, normalmente, o SUS paga, pelo menos é a coisa que eu mais ouço dizer é que a taxa que o SUS paga, por pessoa, está muito aquém do custo operacional – viu, Suplicy, Aloizio Mercadante e demais companheiros? É muito aquém – está aqui, meu caro Gouveia, você que é tão pertinente na luta, a verdade é essa. A verdade é que o SUS não cobre esse atendimento qualificado e de excelência que todo mundo queria ter.



Eu lembro que o meu amigo Cláudio, eu vim aqui um dia fazer um exame e notei que tinha uma máquina que não era ocupada e eu disse ao Cláudio: “Por que essa máquina não é ocupada 24 horas por dia?”. Pois bem, entre decidir fazer e acontecer isso levou... não sei se já aconteceu, mas o dado concreto é que há decisão do Ministro da Saúde de fazer, há decisão do Presidente da República de fazer, há decisão do Secretário-Executivo do Ministério que diz, que é quem manda no dinheiro do Ministério. Você que já foi ministro, Jatene, sabe quem é que manda ali dentro. E as coisas não acontecem porque tem sempre uma gaveta ou uma mesa em que aquele documento pára, aquele papel pára e as coisas não fluem com a rapidez que nós gostaríamos com que fluíssem no Brasil.

Eu acredito que nós estamos vivendo um momento em que dinheiro já não é o grande problema da saúde. Eu penso que, quando o ministro Guido Mantega era ministro do Planejamento, ele adotou, estabeleceu o novo sistema de compra de remédios, tentando o tal pregão eletrônico para as coisas na área da Saúde, na perspectiva de que a gente pudesse minimizar o que aconteceu agora com essa coisa que a imprensa está dizendo de “sanguessuga de ambulância”, para ver se a gente consegue fazer com que o dinheiro que vai para o Ministério da Saúde, que é uma determinação constitucional, é o único dinheiro, o da Ciência e Tecnologia e da Educação garantido. Só a saúde, sozinha, tem mais dinheiro do que todo o conjunto dos outros ministros para investimento, entretanto, nós sabemos que é pouco. E muitas vezes sabemos que o país funciona, em muitos municípios, por conta do dinheiro do Ministério da Saúde, e que muitas vezes a gente repassa e muitas vezes o controle é muito difícil. E algumas coisas só podem ser feitas se nós estabelecermos um outro padrão de relacionamento entre a comunidade científica, entre a comunidade médica e o Estado brasileiro.

Eu estou dizendo isto, porque eu cheguei aqui, agora há pouco, e não é a primeira vez, chego no Rio de Janeiro é a mesma coisa, eu chego em Recife,



é a mesma coisa, eu chego em Porto Alegre... Eu fui inaugurar uma parte daquele Hospital Central de Porto Alegre, na inauguração me apresentaram uma pauta de reivindicação de coisas que precisavam ser feitas, o que eu acho normal e acho justo que apresentem. Mas se nós criarmos um mecanismo, e aqui nós sabemos que o Congresso Nacional tem como partido mais forte, a bancada médica. Ainda na semana passada, para mandarmos o projeto de reforma universitária para o Congresso Nacional, reitora, tivemos uma pendenga muito forte, se o dinheiro gasto com os hospitais universitários sairia do Ministério da Educação ou sairia do Ministério da Saúde. A bancada da saúde não quer que o dinheiro saia do Ministério da Saúde e a bancada da educação não quer que saia da educação. Eu, como conheço a força dos dois partidos dentro do Congresso Nacional, mandei o projeto sem a definição para eles brigarem lá dentro e lá eles vão encontrar uma solução para isso.

Eu penso que era necessário que a gente atentasse para algumas coisas. Do ponto de vista da saúde da família, que nós imaginávamos que seria a grande solução para a saúde brasileira, nós estamos, hoje, atendendo, praticamente, 94% dos municípios brasileiros e, ainda assim, nós temos um problema sério no atendimento da saúde. Nós descobrimos, quando entramos no governo, e era uma briga minha que eu disse uma vez, aqui mesmo no INCOR, quando me convidaram para um debate, que o Brasil era o único país do mundo onde a saúde bucal não era tratada como uma questão da saúde pública. Eu me lembro de que aqui eu disse que a gente tratava a unha do pé como uma questão de saúde pública e a boca a gente não tratava. Pois bem, nós vamos terminar, em dezembro do próximo ano, governador, com 400 centros de saúde bucal, onde nós vamos fazer aquilo que todo país civilizado faz, que é cuidar inclusive da ortodontia para que os filhos dos mais pobres tenham o direito a colocar alguns aparelhos. Mesmo assim, nós achamos que não atende a demanda da sociedade pelo atraso e pelo tanto de tempo que nós ficamos sem cuidar disso.



Nós criamos o SAMU. O SAMU é um programa que eu acho... Lamentavelmente o Arlindo Chinaglia não foi salvo pelo SAMU, mas o SAMU tem diminuído a barbaridade contra as pessoas que sofrem acidentes ou pessoas que estão na periferia, tem evitado que muita gente morra. E nós achamos que quanto mais nós fizermos, ou seja, hoje, pelo volume de ambulâncias que nós temos, já atendemos 85 milhões de pessoas na estimativa do Ministério da Saúde. E, se colocar mais o dobro de ambulâncias, ainda assim nós vamos ter uma deficiência.

Outras coisas que nós fizemos na área da Saúde, que era uma briga histórica, e hoje nós conseguimos fazer uma parceria extraordinária porque – eu não sei se vocês, médicos, compreendem, Davi, sobretudo você e o Kalil, nos consultórios aqui nos Jardins – vocês sabem que, no meio mais pobre, a maioria das pessoas que sai daqui sai com a receita, e se não tiver o remédio do SUS, morre, porque não pode comprar o remédio. Se tiver o remedinho do SUS, eles vão para casa e ficam tranquilos. Se não tiver, eles não têm como comprar. Nós fizemos um convênio, agora, com uma rede de farmácias, já estamos em quase 1 mil e 800 farmácias pelo Brasil, onde as pessoas podem comprar os principais remédios a um preço mais barato. Eu dou sempre o exemplo da insulina. Eu, como já vi muita gente nas reuniões que eu faço pelo mundo afora tomando insulina, um cidadão gastaria 130 e poucos reais por mês, hoje ele vai gastar 13 reais, é apenas 10% do valor, o que pode garantir que as pessoas, neste país, sobrevivam.

Aqui nós temos o nosso companheiro Jatene, que já foi ministro da Saúde, um dos médicos mais conceituados do Brasil. Eu dizia sempre o seguinte: quando as pessoas vêm para o hospital e morrem na mão do Jatene, mesmo que ele tenha feito um erro, todo mundo morre satisfeito, morreu na mão do melhor. Isso é como o Zico perder um pênalti, ninguém nunca vai dizer que ele é grosso, ele errou. O Jatene sabe que o problema da saúde, hoje, não é só dinheiro, é um problema de gestão. É um problema de gestão, é um



problema de definição de prioridades corretas, você sabe, você amargou no Ministério da Saúde, independentemente de quem fosse governo. Essa não é uma questão ideológica porque, se tem uma coisa no Brasil que dentro do Congresso Nacional é uma unanimidade, é a questão da saúde. Eu vi várias votações no Congresso Nacional em que os ideologicamente de extrema direita votavam igualzinho aos ideologicamente de extrema esquerda e contava com a maioria das pessoas de bom senso no centro. E a gente conseguiu aprovar todas as coisas importantes, inclusive aprovamos o SUS por conta disso. Então, não é uma questão de dinheiro, é uma questão de a gente definir algumas coisas que precisam ser feitas no Brasil.

Posso contar um caso para vocês, aqui, que é *sui generis*? Eu estou há pelo menos quatro ou cinco meses ou mais com o governo cubano... mais, porque ofereceu para o Humberto Costa, ofereceu médicos oftalmologistas para fazer operação de catarata, oferecia avião para vir buscar os nossos doentes aqui, levava para operar de graça, sem cobrar passagem, sem pagar diária, sem pagar nada. Eu achei que era uma coisa fantástica porque, de graça, até injeção na testa. Mas depois, eu não sei porque é que não foi encaminhado, eu sei que houve uma reunião do Centro de Oftalmologia e chegaram à conclusão de que o Brasil tinha um atendimento da demanda normal. Isso pode ser verdade para os grandes centros urbanos, mas eu não sei se, para os grotões deste país, nós temos esse atendimento. E depois eu fiquei surpreso porque eu vi um avião da Venezuela vir buscar um monte de brasileiros para operar com os médicos cubanos, em Caracas. Eu chamei o nosso Ministro da Saúde e falei: “eu quero, pelo menos uma resposta de que eu não preciso. Eu quero que você me dê uma resposta de que, cientificamente, eu não preciso, que nós estamos dando conta do recado”. Até agora não recebi a resposta, mas do ponto de vista da quantidade de médicos que nós temos, pela quantidade de pacientes, certamente o Brasil tem médico suficiente para isso. Se eles estão nos locais em que as pessoas precisam, é



uma outra história. Daí porque eu estou discutindo com o Ministério da Educação para ver se a gente consegue fazer uma outra universidade grande, de medicina, numa região mais empobrecida do país, ou Nordeste ou Norte, para a gente formar os médicos em função da realidade daquela região. Porque convencer o Roberto Gouveia de que ele tem que sair da capital paulista e ir trabalhar no agreste de Garanhuns é muito difícil, mesmo que a gente pague um bom salário.

Então, meus amigos, eu vim aqui, a priori, diziam que eu vinha aqui para inaugurar o Instituto de Oncologia. Eu viria aqui, mesmo que o Instituto de Oncologia tivesse sido feito pelo Antônio Carlos Magalhães, eu não tenho nenhum problema. O que interessa para mim é o resultado final, se alguém, depois, estiver doente e tiver espaço para se tratar, não tem problema nenhum.

Mas, para evitar polêmica, num período em que tudo o que a gente faz, e fazia antes com normalidade, vira anormal, eu prefiro me despedir de vocês aqui, agradecer o carinho que o Cláudio Lembo tem tido na relação conosco, relação de ente federativo, respeitosa e democrática, o que é importante, até porque eu sou pernambucano de nascimento, naturalizado paulista, e o que eu sou devo a São Paulo.

Mas eu queria fazer um desafio para vocês. Eu, de vez em quando, encontro com muitos de vocês em época de crise: “Ah, falta uma máquina aqui, vamos conversar”, aí procura o Cláudio Lembo, procura a mim, procura o prefeito. Eu acho que era preciso organizar um desafio para nós, um desafio coletivo, em que a gente não pudesse permitir, em hipótese alguma, que um Centro de Excelência que é referência para o Brasil, que cada cidadão, quando tem uma dor de barriga, em Brasília ou em outro lugar, vem para cá para se cuidar, e nós não temos o direito e não podemos nos dar ao luxo de permitir que um Centro como este entre em crise econômica, por qualquer que seja a razão. Nós temos que fazer funcionar. Os Centros de Excelência são tão poucos no Brasil, que aqueles que existem nós temos que fazê-los funcionar.



Então, eu quero dizer para vocês do nosso compromisso. Aí não é apenas o compromisso de Presidente, não, é o compromisso de quem conhece isso aqui há mais de 25 anos que frequenta porque precisa, que traz sua mulher, que traz seu filho, e quando não tem mulher e filho para trazer, traz parente; quando não tem parente, traz gente do Brasil inteiro que fala: “Presidente, vê se me arruma uma vaguinha lá no INCOR, vê se me arruma um negocinho lá. Vê com seu médico”. Eu não tenho nem médico, eu tenho um companheiro aqui que, de vez em quando, cuida de mim.

Mas o dado concreto que eu quero dizer para vocês é que nós vamos fazer o que estiver ao nosso alcance, eu tenho certeza que o Cláudio Lembo da mesma forma, para que a gente faça com que este Complexo sobreviva, possa pesquisar, da forma mais humana e mais econômica possível, que a gente possa equacionar os problemas que surgiram até agora.

Eu acho que, nessa altura do campeonato, nós não temos que ficar procurando quem é o responsável por uma coisa ter dado errado, nós temos, agora, é que procurar a solução do problema. Eu só quero que vocês saibam que comigo vocês contarão, porque eu estou numa idade em que eu vou precisar mais de vocês do que eu precisei até agora. Eu já estou com 60, o mandato de Presidente tem prazo para terminar, mas a vida, eu ainda pretendo ficar mais uns 15 anos, 20 anos perambulando pelo mundo, e espero que quando eu precisar, isso aqui esteja em pé, funcionando, cada vez mais qualificado, cada vez mais com pesquisadores competentes, para que a gente possa, cada vez mais, oferecer melhores serviços à população brasileira.

Meus companheiros, eu agora vou visitar o meu companheiro Arlindo Chinaglia que sofreu um acidente essa semana, e já está há quantos dias, Kalil? Oito dias, nove dias, na UTI. Quando a gente ultrapassa os 50 anos, é bom a gente não cair, não bater carro.

Então, eu quero agradecer a vocês. Quero dizer aos companheiros que fizeram o debate anterior comigo, que tenham a minha parceria, utilizem



melhor os deputados, cobrem deles, porque a bancada médica é muito forte. Se vocês não derem demandas boas para ela, eles ficam pensando coisas ruins. Ficam pensando em aumentar a despesa do orçamento. Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: vamos tentar corrigir o que precisa ser corrigido enquanto é tempo. Mas eu queria, Roberto, fazer um desafio para os deputados e para os médicos aqui, sobretudo os médicos, porque tem médico que é médico profissional, que trabalha, mas tem o médico que tem dupla função, ele é médico e é um ativista político juramentado, mesmo que diga que não é. Você, por exemplo, Davi, você é um agente político nato. Você também, Kalil, o Jatene também e tantos outros.

Eu acho que é preciso constituir um núcleo em que a gente pudesse... porque, veja, quando você discute, Jatene – você viveu essa experiência – quando você discute com o ministro da Saúde, ele tem toda a sensibilidade, todo o conhecimento. Você sai do Ministério da Saúde e vai para o Ministério da Fazenda, a sensibilidade já diminui em 50%. E aí, vai descendo na cadeia de quem tem que fazer a distribuição dos recursos, a sensibilidade vai diminuindo cada vez mais. Então, se nós não construirmos um núcleo e colocarmos, junto, alguém ligado ao dinheiro, alguém ligado à Saúde, alguém ligado ao Planejamento, alguém ligado ao Parlamento, para juntos irem vendo as coisas que precisam ser feitas, no seu tempo, nós vamos continuar trabalhando como pronto-socorro. Surge uma demanda grande, corre todo mundo atrás, ficamos com metade do prejuízo. Aí passa a tranquilidade, não tem problema. Passa mais um ano, tem problema? Tem. Vamos correndo atrás outra vez.

Eu acho que nós temos que tentar dar uma equacionada com uma solução mais duradoura, coisa de longo prazo, sobretudo nos Centros de Excelência deste país porque, na chamada demanda ligada ao SUS, eu acho que o Brasil tem um trabalho muito grande. Eu acho que nós estamos atendendo uma parcela extraordinária das pessoas. Mas eu viajo muito pelo



Brasil, então eu fico com pena, porque você sabe que, aqui, se alguém for amigo de uma pessoa importante, a pessoa tem acesso a um instrumento importante, a uma máquina daquelas que a gente entra dentro, parece que está morrendo sufocado ali. Quem é que pode entrar naquela máquina? Quem é que pode ir lá? O coitado do pobre tem mais dificuldade, tem acesso mais difícil. Então, nós precisamos aumentar essas possibilidades. Quando se trata de saúde, não é doutora Nana, não tem que ter, efetivamente, a qualificação monetária. Eu acho que é um direito humano, Paulinho, exemplar, e eu acho que nós vamos aprimorando isso. Eu só posso terminar, dizendo: tenham a mim como parceiro sem criar a certeza de que a gente pode resolver tudo em pouco tempo. A demanda é de muitos anos e nós vamos levar alguns anos, ainda, para consertar. Mas eu, por exemplo, fiquei muito sensível a esse negócio dos laboratórios de (inaudível). Se pudermos juntá-los... quando o Lembo diz que tem muito dinheiro em São Paulo, nós temos um pouco, vamos ver se a gente consegue resolver.

No mais, gente... o pessoal já quer aumento de salário ali. No mais, eu quero agradecer a vocês por este convite, e dizer que, possivelmente, como vamos entrar em um momento importante da vida brasileira, quem sabe poderíamos ordenar aí, depois, debates e debates para a gente ir aperfeiçoando uma saída para a nossa saúde pública.

Obrigado, gente, e muito prazer em estar com vocês.